

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

Um «fedus» galego do século XII

Em *Los foros de Galicia en la Edad Media*, «estudio de las transformaciones que ha sufrido en Galicia la contratación para el aprovechamiento de las tierras» (4), Villa-Amil y Castro, abordando os precários, feudos e préstamos, refere-se a um *fedus* relativo a Yila Ce'sar que aproxima do *placitum et scriptum* de uma herdade sita no lugar de Lagena, considerando ambos como «cartas de concesiones de feudo» (2).

Não é nosso propósito assinalar o equívoco de Villa-Amil,

(1) Madrid, 1884. (A introdução e os primeiros capítulos constituíram lições feitas pelo autor no *Ateneo* de Madrid em 1867-68).

(2) Pág. 22. Realmente, o formulário dos dois diplomas é muito semelhante, mas a sua índole é nitidamente diversa.

Transcrevemos a seguir o *placitum* :

Martinus dei gratia uille noue Abbatis una cum conuentu monachorum tibi Veremudus iohanni facimus placitum et scriptum de nostra hereditate quam dedit nobis Petrus falsus et Petrus martini loco predicto lagena, de qua te hereditamus tam tu et filiis qui de te nati fuerint in qua predicta hereditate domum et edificacionem tuam facias sub tali uidelicet pacto, ut tu et omnis qui de tua parte uenerit sitis uasallos monasterii pro ipsa hereditate boni et fideles sine alio domino et seniori, et faciatis seruicium pro ea secundum possibilitatem uestram. Et pro fossadeira detis per singulos annos. VI. denarios monasterio. Et si in superbia insurgere contra nos uolueritis. et alium dominum uel seniore[m] accipere uolueritis. nos recipiamus nostram hereditatem absque uestra calumpnia. Sed si in umilitate et obediencia perseuerare uolueritis numquam istam hereditatem uobis auferamus sed semper pro iuri hereditario habeatis istam conuenienciam ex parte uestra faciendo. Et si obitus tibi euenerit et filium non relinqueris frater tuus Martinus aut unum ex consoprinis tuis filius sororis tue habeat et possideat predictam hereditatem et impleat de illa conuenias quod in placitum resonat. Ego predictus Abbatis una cum conuentu monachorum tibi Veremudus iohannis et omni uoci tue hunc scriptum roboro. Similiter et ego Veremudus tam pro me quam pro uoci mee uobis dominis meis uille nouensis. manibus propriis roborem inieci. Sub Era M.^a CC.^a XX.^a VIII.^a et quot kalendas may.

(*Tumbo* do Most. de Vila-Nova de Lorenzana, fis. 42 v.^o e 43).

más tão sòmentè chamar a atenção para o primeiro diploma, que julgamos ainda inédito, e que, por isso, transcrevemos a seguir :

Ego abba M. sancti saluatoris de uilla noua una cum conuentu monachorum vobis domno Alvaro et uxori uestre marie rodriguiz et filii uel filiabus uestris damus uobis nostras hereditates pro iuri hereditario uidelicet unam cortinam in quam faciatis loca edificiorum et III.^a de quadra et medietatem de plantato alia terra de cornias et alia integra in agrelo alia in agradraulfi et alia media de peraria et alia media in lagona de uillare. Damus uobis his supradictis hereditatibus pro iuri hereditario tali pacto ut sedeatis uassallos istius monasterii humiles semientes atque obedientes pro posse uestro et nunquam in superbiam uos extollat et si inde aliud feceritis uel fecerimus unus ab alius emendemus nos in XL.^a diebus et de illo casale nunquam inquiramus, inde seruiaclem neque maiordomus nisi placuerit uobis. hoc fedus sit inter utrosque perhenniter pro lege seruetur. factum scriptum in Era M.^a CC.^a XI.^a et quot X^oVIII.^o kalendas februarium.

Ego abbas M. una cum conuentu monachorum uobis aluarum et uxori uestre marie et filiis et filiabus uestris in hanc cartam quam fieri iussimus manus nostras roborauimus (*SIGN VM*).

Similiter ego supradictus albarus cum uxore et filiabus nostris uobis abbati domni M. et fratribus uestris tam presentibus quam futuris in hanc cartam quam fieri iussimus manibus propriis roborem iniecimus (*SIGNVM*) (3).

Trata-se evidentemente, de uma concessão de terras cuja imunidade se estabelece (4); porém, concessão que não implica o pagamento de um canon ou a prestação de quaisquer serviços — o que exclue a idéia de aforamento (5) — mas apenas a vassalagem do donatário, certamente nobre, numa base de mútua lealdade (6).

(3) Archivo Histórico Nacional, de Madrid: *Tumbo* do Mosteiro de Vila-Nova de Lorenzana, fl. 55 v.^o e 56, sob a epígrafe, talvez do séc. xv, de *Fuero de Villa Cesar*.

(t) É o que parece deprender-se da seguinte cláusula: «de i no casale nunquam inquiramus inde seruiaclem neque maiordomus, nisi placuerit uobis».

(5) É evidente que a obrigação de fazer (*faciatis*) «*loca edificiorum*» não pode ser considerada como uma retribuição da cedência da terra — como é, por exemplo, no *placitum* da herdade de Regim de 1141 (*Tumbo* de Gelanova, fis. 50 v.^o e 51), que Villa-Amil também menciona (*op. cit.*, pág. 21), pois ao passo que ai se estabelece a reversão da herdade com todos os seus bens ao mosteiro, aqui, a terra é cedida ao donatário *iure hereditario*.

(6) A nobreza do donatário depreende-se não só da circunstância de o seu nome aparecer precedido de *domnus*, mas ainda da isenção tributária, A mútua lealdade está bem expressa na recíproca obrigação de corrigir o dano feito (*unus ab alius emendemus nos in XL diebus*).

Gama Barros, referindo-se a doações de terras da corôa, observou que «taes actos apertavam, sem duvida, o laço que pessoal e directamente prendia já o donatário ao soberano, exigiam o cumprimento do dever de fidelidade», mas — continua — «as aquisições por êsse titulo entravam no cumulo dos bens patrimoniaes, sem o carácter de retribuição de certos e determinados serviços futuros» (7).

O mesmo se verificava em relação a doações de terras de particulares, pois, como assinala ainda Gama Barros, existiam no século xii, vassallos de particulares, applicando-se esta expressão tanto a nobres como a tributários (8)

Porém, neste *fedus*, embora se consigne a transmissão de terras a título hereditário, os laços de vassalagem que se criam não são mera consequência da doação, mas o seu próprio fundamento. De facto, é pela observância do dever de fidelidade — o primeiro que o vínculo feudal impõe tanto ao vassallo como ao suzerano (9) — que este pacto perdura (10).

E não podemos deixar de acentuar também a circunstância de ser êste diploma expressamente roborado não só pelo doador mas também pelo donatário — circunstância esta que não se verifica nas doações a que se refere Gama Barros.

Mas é evidente que, nem por isso, estamos em face dum feudo, nem sequer de um contrato em que manifestamente se descobre o vínculo feudal, cujo «nervo» era, como acentua o Prof. Paulo Merêa, o serviço militar (11).

TORQUATO DE SOUSA SOARES

(7) *História da Administração Pública em Portugal*, 1.1, pág. 193.

(8) *Ibidem*, pág. 101.

(9) Vide por ex. Paulo Merea: *Introdução ao Problema do Feudalismo em Portugal*, pág 12.

(10) De facto, o abade do mosteiro, dirigindo-se aos donatários, diz que a concessão lhes é feita «tali pacto ut sedeatis uassallos istius monasterii humiles semientes atque obedientes».

(11) *Ibid.*, pág. i3.